

Águas a lume de lua: uma reflexão sobre os alternativos modos de ver e dizer o mundo na ficção rosiana

Profa. Dra. Anita Martins Rodrigues de Moraes¹ (FAST)

Resumo:

Guimarães Rosa privilegia lugares e modos de ver e dizer o mundo historicamente desvalorizados no mundo ocidental. Parece-me que este gesto está em sintonia com a crise do paradigma civilização e barbárie, crise esta que problematiza uma série de oposições, como adulto-criança, oral-escrito, civilizado-selvagem, urbano-rústico. Estas oposições negavam, ao pólo considerado negativo ou inferior da dicotomia, uma forma de pensamento, de entendimento do mundo, que tivesse interesse, desqualificando-a. Apresentarei, nesta comunicação, uma reflexão sobre a obra de Rosa inscrevendo-a num contexto mais amplo de crise e revisão das bases do pensamento ocidental. Nessa direção, apresentarei alguns pontos de contato entre o gesto rosiano e o de pensadores da chamada Escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer.

Palavras-chave: pensamento filosófico, pensamento poético-ficcional, civilização e barbárie, Guimarães Rosa, Escola de Frankfurt.

Introdução

O título escolhido para esta comunicação consiste num fragmento da fala de Riobaldo: “Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas a lume de lua...” (ROSA, 1986, p. 70) Se a luz solar é aquela que, desde Platão com sua Alegoria da Caverna, consolidou-se na tradição do pensamento ocidental como metáfora da verdade acessível pelo pensamento filosófico e, posteriormente, especialmente pelo pensamento científico, querer ver “a lume de lua”, no escuro, chama a atenção. O que seria ver “águas a lume de lua”? Em que consiste “ser ignorante”? Marilena Chauí, em *Convite à filosofia*, conta a famosa historinha de Platão, terminando com a revelação dos sentidos da alegoria, sugerindo que a luz solar é a verdade, o mundo real iluminado é a filosofia, sendo a dialética a forma de pensamento libertadora, que permite que os homens se libertem de suas correntes (CHAUÍ, 1997, p. 40). Assim, o pensamento filosófico, cujo horizonte é a verdade, ilumina o mundo, em contraste com as sombras da caverna. A metáfora do luar está na contramão dessa oposição entre luz e sombra, entre verdade e ilusão, em que se funda a alegoria platônica. A luz do luar, para ver águas, sugere uma forma de pensamento tateante, voltada a um objeto fluido, sem contornos nítidos, inapropriável e indistinto do sujeito que busca conhecer – a água molha o sujeito; o luar banha de prata a escuridão que reúne todos os seres sob um mesmo manto. A luz do luar não se opõe às sombras, ao contrário, nelas se mistura, permitindo que se veja no escuro. Trata-se de uma imagem que, como disse, contrapõe-se a uma metáfora consolidada no Ocidente, a que associa luz solar e verdade, sugestiva da possibilidade de se tratar de verdades intangíveis pelas formas de pensamento associadas à luz do dia (com o sol, não é possível ver a “luzinha dividida”), poderíamos dizer que para além de formas de pensamento regidas por relações de necessidade lógica.

Com esse fragmento, pretendo também chamar a atenção para uma dimensão da obra de Guimarães Rosa que está relacionada a essa busca de alternativas formas de pensamento: o interesse por ver, ou melhor, por fazer ver o mundo a partir de pontos de vista socialmente desvalorizados. A obra rosiana resulta num convite a experimentar modos de ver, sentir, compreender o mundo que não são aqueles historicamente afirmados como competentes no Ocidente. Um exemplo: as manifestações religiosas sertanejas são tidas como irracionais, grosseiras, insanas e heréticas em romances como *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora, n’*Os sertões* (1902), de Euclides da

Cunha, e em romances como *Pedra Bonita* (1937) e *Cangaceiros* (1953) de José Lins do Rego. Nessas obras, vigora uma visão depreciativa da religiosidade popular, havendo a afirmação de uma deturpação da doutrina católica, especialmente na atribuição de existência substancial ao diabo. Interessantemente, é na esteira dessa concepção popular do “maligno”, o Cão, o Ó, Cramunhão, que Guimarães Rosa compõe *Grande sertão: veredas* (1956), sem ancorá-lo na dicotomia mencionada (religião corrompida de ignorantes do campo *versus* verdadeira de pessoas estudadas da cidade). A obra rosiana não reproduz os estabelecidos modos de representar a sociedade brasileira por dicotomias, como entre campo e cidade, civilização e barbárie, modernidade e tradição, etc. Tampouco reproduz o gesto regionalista de dar a conhecer o sertanejo, explicando-o ao leitor urbano. Ao contrário, constrói uma narrativa que convida à revisão dos pressupostos partilhados pelos homens “cultos”, “letrados”, a respeito de si e do outro.

Nesta comunicação pretendo explorar o convite rosiano a novos modos de ver, refletindo sobre a obra de Rosa de maneira a situá-la em um contexto mais amplo de crise (bastante produtiva) do pensamento ocidental. O que chamo de “crise” consiste no impacto que as duas grandes guerras – sendo o genocídio dos judeus perpetrado pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial um evento particularmente grave – tiveram no pensamento filosófico, obrigando-o a rever seus pressupostos. Nesse movimento, destaca-se a chamada Escola de Frankfurt que, reunindo pensadores como Adorno e Benjamin (mesmo que num diálogo livre, não havendo uma orientação única caracterizando a Escola), chamou a atenção para a auto-reflexão como condição *sine qua non* para a sobrevivência da filosofia. A filosofia, a própria racionalidade, deve se voltar para si própria, perceber seus limites, notando até mesmo sua implicação nos eventos de barbárie testemunhados. Uma crítica do pensamento filosófico-científico será levada a cabo pelos mencionados filósofos, levantando-se a tese de que a barbárie nazista não seria um surto de irracionalidade, ao contrário, manteria relações com a dinâmica do pensamento racional nos moldes em que este se desenvolveu no mundo ocidental. Não se trata, aqui, de apresentar uma leitura da obra destes filósofos, apenas de destacar seu viés crítico da própria racionalidade filosófico-científica e sugerir pontos de contato com a obra de Rosa.

1.

Gostaria de retomar aspectos da *Dialética do esclarecimento*, especialmente as proposições que Adorno e Horkheimer desenvolveram a respeito da construção, no pensamento ocidental, da dicotomia sujeito e objeto. Estes pensadores, nos dois primeiros capítulos do livro mencionado (“O Conceito de Esclarecimento” e “Ulisses ou Mito e Esclarecimento”), relacionam essa dicotomia, base epistêmica do pensamento no mundo ocidental, a uma associação entre conhecer e dominar que teria chegado a seu ponto máximo na associação entre técnica e ciência, culminando no modo de produção industrial. A redução dos seres da natureza a “recursos naturais”, do corpo a mero instrumento (inclusive reduzido a peça nas fábricas), a opressão de uma classe sobre outras, todas essas relações de poder se reforçam, se retro-alimentam, e têm, propõem os filósofos, uma mesma origem: o medo. O homem teme, por isso desenvolve formas de controle. Com medo de ser objeto – destruído pelo que não é ele mesmo – faz-se sujeito, ou seja, tenta reduzir o mundo a coisa. Trata-se de uma prisão, pois o que se vive é a repetição infundável da violência. Adorno e Horkheimer relacionam a disposição a generalizar, a própria tendência do pensamento a produzir categorias de cunho generalizante, com uma disposição de controle: apagar a singularidade dos seres seria o primeiro movimento de objetificação. Trata-se de apagar a face dos seres, inclusive humana (no caso do nazismo, e, em verdade, de todos os colonialismos), operando-se o que chamam de “desencantamento do mundo”. Assim, eles vêem nas próprias dinâmicas do “pensamento esclarecido”, ordenador, classificador, mecanismos violentos que poderiam ser identificados, em grau extremo, no nazismo.

A dicotomia sujeito/objeto, na qual é do sujeito toda a atividade e do objeto toda a passividade, que permite ao sujeito sujeitar, manipular o objeto, categorizá-lo, seria uma forma de pensar associada a práticas de opressão. Um sujeito todo poderoso, que conhece para dominar, para o qual conhecer é ter controle, poder, é um sujeito que necessita reduzir os outros seres a objeto, que precisa de objetos para ser sujeito, constituindo-se de forma narcísica e sádica: julga-se capaz de tudo conhecer, e, então, tudo violar – não respeitando a resistência dos seres a que se volta, não atentando para sua singularidade, ou reconhecendo sua face.

O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem da ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. Essa identidade constitui a unidade da natureza. (...) A natureza desqualificada torna-se matéria caótica para uma simples classificação, e o eu todo-poderoso torna-se o mero ter, a identidade abstrata. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24)

Como seria pensar diferente? Como seria estar no mundo, lidar com os outros seres, de outra forma? Como pensar sem se valer da dicotomia sujeito/objeto, sem sujeitar? É disso que Riobaldo está falando? Ao valorizar modos de pensar tidos como “imersos na ilusão”, para retomar a alegoria de Platão, ou seja, ao dar voz à criança, ao louco, ao sertanejo (o não-urbano, do lado de fora da pólis), Rosa empreende esta busca? A obra de Rosa pode ser lida como a tentativa de avançar na invenção de novas formas de pensamento, de caráter poético, voltando-se, assim, para dinâmicas do pensamento historicamente classificadas como irracionais, cuja base epistêmica não seria a oposição entre sujeito e objeto (o sujeito do pensamento se deixando também conduzir, sem controle, misturando-se ao que busca conhecer)? A poesia, também associada a ilusão desde Platão, tida como destituída de valor de verdade, consiste numa forma de pensamento não regida por oposições, categorias e necessariamente relações de causalidade, não regida estritamente por lógica mas por analogia. Haveria dimensões do real, inclusive do sujeito, intangíveis pela lógica filosófica ou científica, ofuscadas pela luz solar, e que se fazem ver a lume de lua, ou seja, através da palavra poética? A metáfora do luar encontra aqui seu lugar? A obra de Rosa estaria em sintonia com a crítica frankfurtiana à racionalidade ocidental?

Há, na parte final da *Dialética do esclarecimento*, uma nota intitulada “Interesse pelo corpo” (p. 215). Nesta nota, Adorno e Horkheimer falam da cisão entre corpo e espírito, e conseqüente sujeição do corpo ao espírito. Segundo estes autores, a civilização ocidental rebaixou, aviltou, tudo que é relativo ao corpo, reduzindo-o a mero instrumento; no nosso dia a dia, o corpo é objeto. Oprimir o corpo, torná-lo objeto, tratá-lo como coisa, seria a primeira violência, que desencadearia outras. A pessoa cindida entre corpo e espírito vive sob um regime de opressão, da mesma forma que trata o próprio corpo como objeto, trata o corpo do outro. A dicotomia sujeito e objeto associa-se a esta dicotomia entre corpo e espírito, corpo e intelecto.

O amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna. O corpo se vê de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado como o proibido, reificado, alienado. É só a cultura que onhce o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, *corpus*. Com o auto-rebaixamento do homem ao *corpus*, a natureza se vingava do fato de que o homem a rebaixou a um objeto de dominação, de matéria bruta. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 217)

Podemos indagar: Platão, ao opor corpo e espírito, mundo da matéria e das idéias, estaria, não libertando os homens de correntes como pensava, mas construindo correntes que se fortaleceriam ao longo do desenvolvimento da racionalidade ocidental?

A redução do corpo a objeto, previsível, e das palavras a objeto também, que devem ser usadas com algum fim, ou seja, a redução do que existe a instrumento, participa da busca por controle, da associação entre conhecimento e poder. Aquilo que demanda o corpo também é rebaixado, o som, as imagens concretas. O desprezo do pensamento filosófico e especialmente científico pelo literário inscreve-se aqui. As sombras, para Platão, são o mundo sensível, e é aqui que Rosa está: no mundo das imagens, dos sons, da sensorialidade; na construção do pensamento não por relações lógicas mas pela retomada, pela nova abordagem, pela ressignificação, pelo adensamento dos sentidos. Não seria isso o “ver no escuro”?

2.

Além de conceber formas de “ver no escuro”, podemos pensar na obra de Rosa como convite a ver através de lugares obscurecidos, tidos como desprezíveis, ou mesmo recalçados pela “luz solar”. Dentre sua vasta obra, gostaria de destacar dois contos de *Primeiras Estórias*, que me parecem emblemáticos desse convite a alternativos modos de ver: são os contos que tratam da construção da “grande cidade” (Brasília?), pelo olhar de uma criança, o Menino. “As margens da alegria” e “Os cimos” denunciam a associação entre conhecer e dominar, a sujeição dos seres do mundo a coisa a ser manipulada. Ocupar o interior do país, pôr abaixo a mata, construir “a grande cidade”, revela-se, de maneira indireta, um projeto de afirmação de poder. O espaço a ser ocupado, repleto de seres que o Menino embevecido descobre, é reduzido a objeto a ser conquistado; os seres, reificados. O Menino, ao contrário dos adultos, vê cada coisa, cada ser que descobre, reconhecendo sua singularidade, sua cor, sua forma, deixando-se tocar, afetar, transformar pelo que vê. Já os adultos lidam com os seres como sendo exemplares (ou seja, um exemplar de uma categoria, e não um ser único), a árvore é uma entre outras, o peru um entre outros, o tucano, para fazer o Menino contente, deve ser capturado. O Menino, ao contrário, abre-se, sensivelmente, aos seres que vem a conhecer, numa associação entre conhecer e amar. Enquanto os adultos ao conhecer destroem, sendo a derrubada da árvore momento forte, mantendo-se sempre idênticos a si mesmos e tornando o mundo poeirento, cinzento (ao construir o aeroporto); o Menino tem o corpo vivo, sensível, capaz de ver e sentir o corpo do outro, dos outros seres, de se relacionar sensorialmente.

O leitor, vendo o mundo, redescobrimo o mundo através do ponto de vista do Menino, é levado a abandonar o lugar dos adultos, que transitam num mundo desencantado, e a experimentar cada coisa em sua forma, cor, cheiro particular (Rosa lida com nossa memória tátil, gustativa, olfativa e visual) e a experimentar as palavras de maneira que elas sejam reencantadas, como o mundo. O hábil narrador rosiano nos faz ver ao mesmo tempo que o Menino, apresenta-nos as cores dos pássaros, seus barulhinhos, leva-nos a descobrir o mundo com atenção para cada coisa, que se revela em sua singularidade e beleza, como também o nome de cada coisa (que o Menino tanto gosta de descobrir). Com isso, as ações dos adultos, corriqueiras, próprias de nosso dia a dia, surgem surpreendentemente brutais. O que seria banal, derrubar uma árvore para se construir um aeroporto, torna-se golpe duro, não apenas para o Menino, mas para o leitor. Ao longo dos contos, uma relação de caráter amoroso, delicado, sensível, pautado nos sentidos – na audição, no olfato, na visão, no tato – constrói-se entre leitor e seres do mundo, através da criança. O narrador rosiano, nesses contos, conduz o leitor a romper com a dicotomia corpo/espírito ou corpo/intelecto, pois conhecer faz-se no corpo, é tocar e ser tocado, com delicadeza. Rompe também, certamente, com a dicotomia sujeito/objeto, pois aquele que conhece não se apropria do que conhece, não é pura atividade, deixa-se transformar. Os contos de Rosa não produzem essas rupturas por argumentos, mas demandando uma experiência outra, exigindo o corpo do leitor, tocando o leitor.

Conclusão

Para encerrar estes apontamentos, gostaria de retomar a metáfora solar, sugerindo um deslocamento. No conto “Os cimos”, o narrador nos faz ver o sol, junto com o Menino, de forma simultânea, num dos momentos de maior intensidade poética da obra rosiana:

E o tucano, o vôo, reto, lento – como se voou embora, *xô, xô!* – mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. Mas a gente nem podendo esfriar de ver. Já para o outro imenso lado apontavam. De lá, o sol queria sair, na região da estrela d'alva. A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio. O Tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte. (ROSA, 1988, p. 156)

O leitor acompanha a cena pelo olhar da criança – e não do Tio, que se ocupa da medição do tempo, controlando, pelo relógio, o que se passa. A descrição do nascer do sol nos faz acompanhar seu movimento (o meio sol, o sol), ler é ver, como vê o Menino. Ver o tucano é ver suas cores, ouvir seu som; ver o sol é lidar com uma imagem fortemente sensorial: “dourado rombo de bordas estilhaçadas”; “bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio”. O texto rosiano demanda nossos sentidos, conduz a uma ressensibilização do corpo do leitor na medida em que este é conduzido a se aproximar do olhar do Menino. Talvez a imagem do luar, de Riobaldo, seja sugestiva desta forma sensível, delicada, amorosa, de lidar com o mundo. De outra maneira, recorrendo a um paradoxo para encerrar essas reflexões, no conto “Os cimos” o narrador rosiano nos faz ver o sol a lume de lua.

Referências Bibliográficas

- [1] ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- [2] CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1997.
- [3] GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Imago, 1997.
- [4] GUIMARÃES, Bernardo. *O índio Affonso*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d
- [5] HANSEN, João Adolfo. *O ó: a ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.
- [6] REGO, José Lins. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- [7] _____. *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1972.
- [8] ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- [9] _____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- [10] SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- [11] _____. *Signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.
- [12] TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

Autora

¹ **Anita Martins Rodrigues de MORAES, Profa. Dra.**
Faculdade Santa Terezinha (FAST)
E-mail: nimoraes@yahoo.com